

Real, simbólico e imaginário

A trindade infernal de Jacques Lacan

Marcus André Vieira

IV

Estilo e Sintoma•

De Morelli a Michelangelo

♦ Quarto encontro do Seminário de Marcus André Vieira – A trilogia lacaniana. Realizado na EBP Seção Rio em 08/10/2009 Transcrição, Leandro Reis, edição e pesquisa inicial de referências Maira Dominato Rossi.

Símbolo

Estamos percorrendo um caminho que vai do imaginário ao simbólico para alcançarmos finalmente o real. Isso não é uma progressão. Na prática, como já pontuado, optamos pelo simbólico, já que a psicanálise é uma experiência de fala como Lacan insiste inúmeras vezes em afirmar. É a partir da fala que a psicanálise pode agir. Cada vez que Lacan fala de *parole* devemos entender que ela é R.S.I., no sentido que ela tem seus aspectos real, simbólico e imaginário.

Se dissermos que há um lado simbólico da fala, entenderemos logo se tratar de algo que surge a partir da Cultura, mas não é isso. Quando falamos que a psicanálise é uma experiência de fala devemos entender que isso se dá no simbólico, o que conta em uma análise é justamente esse aspecto simbólico da fala, caso contrário, teríamos apenas vivências verbais abstratas – e, só por esse motivo, falamos, em encontros anteriores, que o simbólico não é imaginário.

Devemos esvaziar do nosso meio de trabalho o campo dos sentidos. Ou seja, não é porque se descobre algo durante a análise que esse seja o objetivo dela, mesmo que aí se possa situar os efeitos terapêuticos. Em outras palavras, vai-se para análise com o intuito da melhora, no entanto, esse não se estabelece como nossa meta, para que não se perca, nesse caso, o específico da análise.

Percebam que acabamos de lançar os efeitos terapêuticos no imaginário. Isso se sustenta se tivermos outra concepção de imaginário. De fato, ele não é uma coisa falsa. Pelo contrário, quando se está bem é por conta do imaginário, que nos sustenta numa imagem de felicidade. A vida é no imaginário, diferente da psicanálise. Ninguém vive no simbólico no sentido que damos a ele. A dicotomia real e imaginário não tem a ver especificamente com Lacan, sendo, inclusive, muito próxima a um platonismo. E, conseqüentemente, muito usada.

O nome que Lacan usa para falar do simbólico de saída é símbolo – é a ideia de símbolo que usa no começo – depois ele passa a chamar de simbólico, estrutura e significante. O simbólico, não se refere ao fato de que o charuto seja um símbolo fálico, como já o dissemos em outros encontros. Isso seria simbolismo ou imaginário. Freud não fez o simbolismo dos sonhos. Ainda que numa dada cultura tudo que for ereto represente o poder, isso não interessou a Freud como coisa fundamental, mas, para ser levado em conta do mesmo modo que os efeitos terapêuticos: não deverão ser desconsiderados, contudo não são meios para se chegar a um fim propriamente analítico. Não é pelo simbolismo fálico que iremos construir uma certeza singular. Se pensarmos assim, poderemos dizer que não é pela simbologia universal que se chega ao singular. Ou, outra forma de dizer, o imaginário não sustenta a singularidade. Com efeito, ele não se presta a isso. Voltaremos mais adiante à questão da singularidade, mas, por hora, diremos que ela está do lado do simbólico em não do lado do imaginário.

Estrutura e significante consistem em um jogo de traços que não tem sentido em si. Neste jogo escoraremos a singularidade. Para se ter uma ideia aproximativa do que é isso, comparem a fala e a escrita. A escrita se aproxima mais do que Lacan chama de simbólico do que a fala. Ou se compararmos os sentimentos e as emoções com um texto, este último terá mais relações com o simbólico.

Deste modo devemos entender que só há singularidade escrita. Se opusermos vivência – no sentido psicológico – à escrita da vivência, a singularidade se situaria na escrita. A vivência é sempre experimentada coletivamente: um fim de semana em algum lugar

com colegas. É coletivo e, por isso mesmo, é bom. Isso muitas vezes é mais forte do que os pequenos lampejos de singularidade que se sustenta na análise. Quando se consegue afirmar: “isso sou eu e mais ninguém”, estamos em relação com a escrita e não com a vivência. O simbólico tem a ver com algo que a escrita nos ensina que não é papel e caneta. A maneira de Lacan falar sobre isso foi - diferentemente de Derrida, por exemplo, que se propôs a fazer uma teoria da escrita -, foi trabalhar com estrutura e significante.

O significante, como dissemos, não é a ideia, sentido, vivência, simbolismo ou representação¹. “Aproximar-nos-íamos dele se chegássemos pela matemática já que o número é o símbolo por excelência”.²

Fica claro que não se trata de simbolismo, pois os números são quase que feitos para não ter sentido algum. É verdade que quando se fala algo do tipo, “como dois e dois são cinco” imputamos-lhes um sentido, mas comparativamente com as palavras os números têm pouco sentido. É isso que Lacan diz ser a essência do simbólico. Pensem na aritmética.

Onde queremos chegar? As coisas vividas deixam marcas. Essas marcas recolhem o acontecimento, mas não em si, sob a forma, apenas, de um registro cego surdo e mudo. E é nisso que está nossa singularidade. Esse registro será, inequivocamente, reanimado ao longo da vida. Se compararmos a experiência da lembrança, como diz Freud, com a experiência da rememoração, temos uma ideia de como isso ocorre. Podemos lembrar, mas não é o que nós lembramos que é o mais essencial na análise. O que se vive afetivamente é passível de ser lembrado, mas há coisas que não são e que se reconstroem a partir de seus restos, sendo, então, capazes de falar mais do que tudo o que se lembra.

Fica claro, desse modo, que o jogo de marcas e traços tem um valor de verdade ou de singularidade maior do que o imaginário. Não poderia ser diferente. Se tudo o que se lembra e se tem certeza possuísse sempre mais valor para nós, não nos seria possível mudar. Existe o pré-suposto de que é possível encontrar outras coisas. Porém, o sistema inconsciente não funciona como ego. Valendo-se da analogia de um teatro: o ego estaria em cena, onde lembra e vive coisas muito apaixonadamente; o inconsciente, por sua vez, se aproximaria dos bastidores onde estão várias ferramentas, cordas que interferem na cena, pessoas se beijando na coxa, brigas, contra-regra... Ou seja, o inconsciente seria tudo que não tem a ver com a cena em si, mas que está lá decidindo, de certa forma, a cena. Numa análise trazem-se coisas para cena principal que têm o poder de refazer essa cena, pois nesse material de arquivo se guarda mais de uma história pessoal que não é história no sentido egóico.

O segundo passo: Ginzburg e Traços³

Ginzburg, a respeito dos traços, cita uma passagem de Freud em que este cita o Ivan Lermolieff, que mais tarde Freud descobre ser, na verdade, um médico chamado Morelli. Responsável por desenvolver um método próprio e original à sua época para reconhecer a autenticidade das obras de arte. Segundo Freud, muito do que faz a psicanálise tem a ver com esse método.

Havia uma longa discussão sobre a autoria de uma obra de arte, pois os autores, na idade média, não assinavam suas obras. Assim, se tornava difícil especificar os autores

de certos quadros, como Ticiano, por exemplo. Isso era feito, então, através de um especialista que se legitimava a dizer a autoria de uma obra.

Morelli propõe um novo método para o reconhecimento de uma artista. Ele defende, simplesmente, que não se deve deixar levar pelos grandes traços, porque todo mundo sabe copiar as grandes coisas do mestre. Porém, os pequenos detalhes são mais inacessíveis. Desse modo ele faz todo um tratado sobre as asas da orelha, as rugas da mão. E, por esses pequenos detalhes, ele chega a propor várias mudanças de autoria.

É preciso não se basear, como comumente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos personagens de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário dominar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. Dessa maneira Morelli descobriu, e escrupulosamente catalogou a forma da orelha própria de Botticelli, a de Cosmè Tura e assim por diante: traços presentes nos originais, mas não nas cópias. Com esse método, propôs dezenas e dezenas de novas atribuições em alguns dos principais museus da Europa. Frequentemente tratavam-se de atribuições sensacionais: numa Vênus deitada conservada na galeria de Dresden, que passava por uma cópia de uma pintura perdida de Ticiano feita por Sassoferrato, Morelli identificou uma das pouquíssimas obras seguramente autografadas de Giorgione.⁴

O que isso tem a ver com Freud e o que não tem? Estamos nos aproximando dos traços. Não é nos grandes sentidos que encontraremos a singularidade ou na grande impressão de um sonho que encontraremos o estilo do autor. Ele mora nos detalhes. Sobretudo como um jogo nos detalhes e não como um único detalhe específico. Aquilo que o gênio não teve tempo de fazer é justamente o lugar onde ele se encontra, e não no ponto em que se esmerou em fazer bonito. Nossa intenção é operar o deslocamento dos grandes sentidos para os pequenos detalhes. Esse é o nosso trabalho.

Podemos imaginar que alguém comece a copiar os traços também. É mais difícil, mas não é impossível. Quanto mais detalhado, mais original. Depois que o método Morelli ficou conhecido começou-se a copiar a asa do nariz, rugas das mãos e esses pormenores. Pode-se ir ao infinito nessa história. Será que era isso o que Freud propunha?

Concordamos que os traços definem quem se é. Contudo há qualquer coisa que intervém quando se juntam os traços e se decide uma autoria. Ou seja, ela não está apenas e somente nos traços. Houve uma revolução no Morelli que foi passar para os traços, mas ainda há algo a mais pra se fazer. Registremos isso, pois senão, passamos para os traços, mas não para a psicanálise.

O que é a lida com o sintoma hoje em dia que não é a lida com os traços? Tanto Conan Doyle com seu Sherlock Homes, quanto Freud e Morelli eram médicos e assim procediam. A medicina funciona desse modo: um conjunto de sinais, ou detalhes, que levam à categorização de uma doença. Logo, passar para o jogo dos traços em si não basta. Com eles se sai do imaginário, mas, não significa que com simbólico simplesmente resolve-se o problema.

Quais detalhes servem e quais não? Como eles levam a singularidade? Quando dizemos que só há singularidade a partir dos traços – e nisso temos Morelli -, devemos

estar atentos a perceber que, não é o fato de passar para eles, somente, que garante a lida com a singularidade. É preciso entender isso como uma metáfora. Os traços agrupados de uma determinada forma encerram a singularidade de um dado autor. E não: dados todos os traços, tem-se a singularidade. É aí que reside a diferença entre a ciência enlouquecida e a psicanálise. As duas são práticas simbólicas ou da letra, como diz Lacan em *Lituraterra*⁵. A diferença se dá, justamente, à medida com que cada campo faz algo com as fórmulas, no sentido de uma matemática. Se não fizermos a diferença, não entenderemos o que quer dizer Lacan afirma, como acabamos de ver, que o número nos ensina sobre a essência do simbólico⁶.

No entanto, a psicanálise não é uma matemática, ainda que esta fala de Lacan localize a sede da singularidade no número. Logo, tem-se aí um paralelo entre a psicanálise e práticas que lidam com algo sem sentido. É um ganho, pois, assim, saímos do sentido. Porém, como já se sugere, não podemos ficar apenas com os traços. Eis aí o lugar do real. Algo será feito com ele a partir dos traços. Na ciência e na matemática também se faz algo, mas são outras coisas.

Freud no rastro de Michelangelo

Freud, assim como muitos, fica fascinado pela estátua de Moisés feita por Michelangelo. Muito rápida e grosseiramente podemos dizer que havia uma interpretação dessa estátua que consistia em dizer que ela representava o momento imediato no qual Moisés baixa de sua cólera após ter vilipendiado todos os judeus que adoravam o bezerro de ouro. Moisés ao descer do monte Sinai trazendo as tábuas da lei, briga com todo mundo ao ver a adoração que havia se instaurado no acampamento. Teríamos, então, a violência que se acalma. Freud dirá que isso não é o especial dessa estátua. Se a singularidade daquela estátua estava em ter conseguido representar a fúria do legislador e ao mesmo tempo o momento em que ela se acalma, há, para Freud, algo da intenção do artista que importa ser analisado. Assim, Freud escolherá não falar do artista - sabe-se que é o Michelangelo, e sim de sua intenção. Ele usará o método Morelli para encontrar outra essência na estátua. É um trabalho no estilo obsessivo-médico do detalhe-a-detalhe. O que Freud faz é uma reconstituição: “para descobrir sua intenção, contudo, tenho que primeiro descobrir o significado e o conteúdo do que se acha representado em sua obra; devo, em outras palavras, ser capaz de interpretá-la”⁷. Supondo que descobrindo o significado do conteúdo se chega ao artista, estaremos diante do imaginário. O que Freud quer seguindo o método Morelli é encontrar as reais intenções do artista. “O que vemos diante de nós não é o início de uma ação violenta, mas os restos do movimento já efetuado”,⁸ diz sobre o sentido atribuído à cena de Moisés quebrando As Tábuas. Portanto, não é uma ideia de que ele ia se inflamar e parou e de que este ato estaria



referido à importância de Deus e do Sagrado. Não. Para Freud, o mais importante é que, dado o método, a chave, ele consegue pegar a “real” intenção do autor, que seria retratar, ao invés da violência apaziguada, a violência controlada por uma paixão maior. Dessa forma, Michelangelo “acrescentou algo de novo e mais humano a figura de Moisés; de modo que a estrutura gigantesca com sua tremenda força física torna-se, apenas, uma expressão concreta da mais alta realização mental que é possível a um homem, ou seja, combater com êxito uma paixão interior pelo amor de uma causa a que se devotou”.⁹

Devemos pensar que isso encaixa bem, à época, com uma série de coisas. E, que não é tanto o conteúdo que devemos capturar, mas que, dado o método, ele chegou a algo novo. Isso fala de uma produção de conteúdos novos.

Mas, para levarmos em conta o que diz Freud, devemos pontuar que logo depois de dizer que Moisés representaria uma paixão contida por outra maior - o que já é uma novidade, Freud diz que isso seria, mais ou menos, o que acontecia com o próprio Michelangelo. Na página seguinte ele imagina que tanto Michelangelo, quanto o papa Júlio II, foram pessoas de paixões violentas. Logo, a relação dos dois estaria permeada por esse traço emocional contido, e isso teria transparecido na estátua. Essa inferência de Freud parece ser mais importante que sua interpretação da obra de arte. A renúncia dos instintos é o que encontramos como a singularidade, fantasiosa nesse caso. E, aliás, não importa tanto se aconteceu deste modo ou não, o que nos interessa é que temos uma singularidade que brota a partir dessa interpretação. O artista não quis passar a violência contida em si, simplesmente a passou. Essa é a conclusão de Freud que nos é cara.

Lembrem-se de que estamos falando da construção de um lugar no mundo para a singularidade e, que se nós conseguimos verbalizá-la, ela, a rigor, não existe. Se encontramos algo que nos constitui ímpar mais do que qualquer outra pessoa, encontraremos dificuldades em falar sobre isso. É nisso que “insisto”, parafraseando Lacan em *A Instância da Letra no Inconsciente*, ao dizer que a análise é para sustentar uma singularidade ou para produzi-la, porque ela é qualquer coisa que nos habita e insiste em cada passo que se dá, mas não consiste em nenhum deles.¹⁰

Sintomas médico e psicanalítico

Falamos da singularidade do artista e da intenção da obra. Agora falaremos da singularidade por traz do sintoma. O sintoma tem um primeiro sentido fraco que se explicaria no fato de que alguma coisa incomoda. Algo que a princípio não tem a ver com o paciente: “o que é isso?”, é, justamente, a pergunta que surge nos consultórios. O médico procura todos os sinais em volta desse sintoma para encontrar o que Sherlock Holmes chamaria de o “autor do assassinato”. Busca-se a causa, a essência patológica, e eis aí o sintoma, no sentido de seguir uma lei geral. A operação médico-científica sobre o sintoma é a circunscrição dele para nela encontrar o elemento causador - o que seria, em nossa analogia anterior, o nome do artista oculto na obra de arte. Ou seja, a correta investigação denuncia o culpado.

Nessa perspectiva, não há singularidade do sintoma. Pelo contrário, ele é justamente aquilo que a incomoda. O máximo que ele consegue exprimir é a singularidade da doença ou a ação de um vírus, por exemplo, e nada sobre aquele que por ele é acometido. Por isso: sentido fraco do sintoma.

Lacan, na contramão, falará do sentido forte do sintoma em *O triunfo da religião*, dizendo que ele é “o que não funciona”.¹¹ Na acepção de ser a expressão do fato de que as coisas não funcionam e não dão certo. O sintoma, na medicina, se constitui a partir de uma série de traços que indicam que algo não funciona. O sintoma, para nós, é o nome do fato que nunca funciona. Ou seja, nunca se encontra o autor. Pode-se produzir o lugar do autor, mas não se encontra a singularidade. Pode-se produzir um espaço habitado por ela, mas nunca dizer onde está ou o que é.

A medicina lida com o simbólico de vários sinais para localizar aquilo que é problemático e atuar sobre ele. A psicanálise começa quando se renuncia a encontrar ‘A’ causa dos sintomas. Há algo nessa vida que não se inscreve nem no imaginário nem no simbólico. Aí reside nossa diferença com relação à ciência. Freud, por exemplo, no texto mencionado não acha que propõe a verdade do Michelangelo, assim como Morelli não o deveria fazer se ele fosse analista. Foi-lhes possível encontrar uma verdade, porém, não se pode pretender que ela seja o real.

O conjunto de traços localizará algo que não se inscreve sem, no entanto, dizer que uma tal inscrição é possível. Com efeito, a escrita é uma forma de situar a singularidade e não de afirmar que a singularidade está na escrita. De outro modo, o estilo do autor está entre as palavras que ele escreve. Como algo que circula ali, e não nas palavras em si.

Por exemplo, houve uma época em que todos trocaram entre si e-mails com certa crônica do Luiz Fernando Veríssimo. Depois de certo tempo, ele, em Paris, encontrou essa crônica publicada em francês que, a rigor, ele nunca escreveu. Não é nossa intenção dizer que existiria uma essência do Luiz Fernando Veríssimo, apoiado no método Morelli, isso nem sequer seria possível. Essa virada do Morelli é para mostrar, sobretudo, que podemos produzir uma nova verdade a partir do agenciamento de traços, ou seja, sem se submeter à verdade já existente.

Podem-se fazer vários tratamentos se desprendendo um pouco dos sentidos da vida e procurando os detalhes, reinterpretar e produzir novidades. Essas novidades seriam a verdade ou a singularidade daquele sujeito? Sim e não. São mais do que eram... Mas isso pode vir a se infinitizar. Pode-se correr desesperadamente atrás do singular produzindo uma interpretação nova a cada instante e nunca se chegar à ele genuinamente.

Morelli, por exemplo, fez esse jogo todo, mas parou diante de algo: quem garante que é verdadeiramente um Ticiano? Ele diria: - “Quem garante é minha certeza”. É uma parada o que essa resposta promove. Diferente da ciência que acaba por determinar onde está a essência de cada um. Ela não abarca nada do ‘não posso dizer’. Isso que, nitidamente percebemos ficar de fora, escapar, à ‘certeza’ do Morelli, não existe para a ciência. Tudo está no cérebro: ‘Ainda não achamos, mas em breve descreveremos todos seus sentimentos’. O método dos detalhes vai se ramificando e tomando tudo. Então, apostamos que ela não dará conta desse tudo.

Sauvagnat destaca três lugares-personagens onde o delírio científico não alcança. Pedófilos, *Serial Killers* e Terroristas¹². Isso que fascina os americanos em todas suas séries - uma espécie de Conan Doyle levado às últimas consequências. Nesse trabalho vale-se, geralmente, do corpo morto, pois é nele que se resolve o caso. Para produzir todos os dados que levam a um só culpado é preciso matar todo mundo. Quando há vida, fica difícil.

O que se faz com esses três? Mil pesquisas para se chegar à essência do pedófilo. Quando se encontrar o pedófilo por traz de cada um, aquilo que o constitui, se poderá

agir. Esse espaço da singularidade se torna o espaço da monstruosidade, pois é o lugar que sobra como não descoberto. Tendemos a dizer que a fumaça é signo do fogo, pois ele tem com ela uma relação natural de contiguidade.

Lacan, porém, em *Radiofonia* provoca dizendo, “nossa fumaça é, pois, o signo - por que não do fumante?”.¹³ Ou seja, de um gozo fora da estrutura tal como o pedófilo. Na época em que ele falou isso não fazia sentido. Hoje, contudo, o fumante é quase um pedófilo. O que o faz fumar não é a singularidade dele. Ao menos não para a ciência que foi explicando e esquadrihando tudo, relegando a singularidade a um lugar fora da estrutura. Na análise, entretanto, tenta-se dar lugar para isso na estrutura.

O que Freud queria marcar é que há a algo do Michelangelo que está em seu Moisés. Freud não nomeou realmente a essência do autor em sua obra. Não. A escrita localiza e agarra algo, sem encarcerar a singularidade. Isso tem um efeito em uma vida que é bastante considerável: não se sabe bem o que aconteceu, mas sabe-se que foi ali por causa das marcas.

Nome e gozo

O sintoma, dessa forma, fica como o nome de um gozo que, quando aparece, revela esses satélites particulares da vida e, por isso, trabalhamos com ele. O sintoma em uma pessoa é como o fumante ou o pedófilo na sociedade, está sempre marcando algo a que ainda não se chegou.

A escrita é aquilo que é suporte do pensamento. Logo, análise é escrita. O que é diferente de dizer que a escrita é um pensamento.

O Analista é como o caderno no qual se escreve, sem a transferência isso ficaria inviável. É possível ler o que se escreve e inclusive retocar esse texto. A análise é o fato de se escrever nesse suporte que o analista é. Saímos assim de uma concepção de analista “espelho”, para uma de analista “folha de papel”. Porém, uma hora não se precisará mais do suporte.

Quando se começa a falar do sintoma, perguntando para o sujeito sobre ele, fala-se, eventualmente, sobre os pontos que estão fora da cena e tendem a marcar a singularidade. Afinal as perguntas que colocamos ao sintoma são respondidas. Quanto à singularidade, tomemos como exemplo os *Escritos* de Lacan, naquela pergunta onde foram tomados por incompreensíveis, ao menos para os italianos, assim como o pedófilo para nós atualmente.

- Seus Escritos são muito obscuros, muito difíceis. Quem quiser compreender seus próprios problemas lendo-os vê-se num profundo desvario, mal-estar. Tenho a impressão de que o retorno a Freud é problemático, pois sua retomada dos textos freudianos torna a leitura de Freud ainda mais complicada.

(...)

Não escrevi os meus Escritos para que fossem compreendidos, escrevi-os para que fossem lidos. Não é nada parecido. É um fato que, ao contrário do que aconteceu a Freud, há um bocado de gente que, apesar de tudo, os lê. Eles certamente têm mais leitores do que Freud teve em quinze anos. No final, claro, Freud teve um enorme sucesso de livraria, mas teve que esperar muito tempo. Nunca esperei nada similar. Foi para mim uma surpresa total que meus Escritos se vendessem. Nunca compreendi como isso se deu.

*Em contrapartida, constato que, mesmo não sendo compreendidos, eles provocam alguma coisa nas pessoas. Observei isso com freqüência. Elas não compreendem nada daquilo, isso é absolutamente verdade, durante certo tempo, mas aquilo lhes provoca alguma coisa. E é por essa razão que eu seria levado a crer que, ao contrário do que se imagina do lado de fora, eles são lidos. Imagina-se que as pessoas compram meus Escritos, e não os abrem. Isso é um erro. Eles são abertos e, inclusive, trabalhados. São, até mesmo, desancados. Evidentemente quando se começa meus escritos o que melhor se pode fazer é tentar compreendê-los. E, como não são compreendidos, continua-se a tentar. Não fiz de propósito para não serem compreendidos, foi uma conseqüência das coisas. Eu falava, dava aulas, bastante concorridas e compreensíveis, mas como só as transformava em escrito uma vez por ano, isso dava um escrito que, em relação à massa do que eu dissera, era um concentrado totalmente incrível, que convém colocar na água como as flores japonesas para ver desdobrar-se. É uma comparação que vale o que vale.*¹⁴

Há algo dos *Escritos* que junta-se com a singularidade do Lacan e que faz com que eles se tornem atraentes. Ou, de outra forma, ele prescinde do imaginário ali, da mesma forma que uma análise deve fazer. Ou seja, focaliza pedaços que do ponto de vista do sentido pouco tem a dizer. Lacan tentava ser claro e não conseguia. Dessa forma, pode-se dizer que os *Escritos* são o sintoma de Lacan, eles possuem seu estilo, sua intenção.

¹ Representação foi um termo muito usado por Freud foi traduzido por apresentação na Edição Brasileira o que talvez tenha ficado melhor, pois se pode entender que a representação por mimetizar a outra a representa da mesma forma que o mapa do Brasil parece com o Brasil. A representação em Freud segundo Lacan é outra coisa.

² Lacan, J. (1954) Do símbolo e de sua função religiosa. Em: O mito individual do Neurótico. Rio de Janeiro: JZE, 2008 pag. 65

³ Ginzburg, C. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário" Em: Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁴ *Idem*, pag. 144

⁵ Lacan, J. Lituraterra. Em: Outros Escritos. Rio de Janeiro: JZE, 2003

⁶ Lacan, J. (1954) Do símbolo e de sua função religiosa. Em: O mito individual do Neurótico. Rio de Janeiro: JZE, 2008 pag. 65

⁷ Freud, S. (1914) O Moisés de Michelangelo. Em: Freud, S. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996 Vol.: XIII pag. 218

⁸ *Idem* pag. 234

⁹ *Idem* pag. 237

¹⁰ Lacan, J. (1957) A instância da letra no Inconsciente. Em Lacan, J. Escritos. Rio de Janeiro: JZE, 1998. "é na cadeia do significante que o sentido *insiste*, mas que nenhum dos elementos da cadeia *consiste* na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento" [grifo do autor] pag. 506

¹¹ Lacan, J. (1974/75) O Triunfo da Religião. Em: Lacan, J. O Triunfo da Religião precedido de Discurso aos Católicos. Rio de Janeiro: JZE, 2005, pag. 71

¹² Sauvagnat, F. Twitter, impuissance et diableries: l'inquiétante étrangeté aujourd'hui. Em: <http://www.causefreudienne.net/psychanalyse-et-politique/2009-09-23> acessado em 14 de outubro de 2009

¹³ Lacan, J. Radiofonia. Em: Lacan, J. Outros Escritos. Rio de Janeiro: JZE, 2003 pag. 412

¹⁴ Lacan, J. (1974/75) O Triunfo da Religião. Em: Lacan, J. O Triunfo da Religião precedido de Discurso aos Católicos. Rio de Janeiro: JZE, 2005, pag. 71 Pag. 69-70